

★ A MUDANÇA DE PERCEPÇÃO AO PASSAR PELA EXPERIÊNCIA: PERTENCIMENTO DE SI E DO ESPAÇO QUE OCUPA

Aline Stefane Cezarone

Mestre em Artes da Cena (ESCH). Licenciatura em Pedagogia (FAMOSP). Pós-Graduação: Direção e Atuação (ESCH); Docência no Ensino Superior (FMU); Arte Educação (Cândido Mendes); Fonoaudiologia e Expressividade da Voz (Estácio de Sá); Docência em Teatro (UniFB). Atuou como docente de cursos técnicos de arte dramática, coordenadora de artes do SENAC SP e regente do coral -do Centro Cultural TUPEC de Mogi-Guaçu. Dedicar-se à Formação em Arte e Cultura de professores e artistas.

Resumo: A pesquisa mergulha no vasto universo de possibilidades trazidas pela experiência humana. Ao atravessá-la, nossa percepção e a forma como nos enxergamos no mundo são profundamente afetadas. A experiência atua como um elo entre o mundo real e o ficcional, uma ponte que conecta o que está fora de nós com o que reside dentro de cada indivíduo que se conecta a ela. Surge então a questão: é possível experimentar um sentimento de pertencimento ao território que habitamos após passarmos por uma experiência performática? O que vemos e sentimos nessa jornada influencia nossa conexão com o mundo? Será que mesmo com um repertório aparentemente limitado de influências artísticas, ainda é possível compreender o mundo, a arte e a vida? Esses questionamentos fundamentam o presente artigo, buscando estabelecer conexões que possam nos guiar rumo a suas respostas. A pesquisa empreende uma busca significativa, explorando a relação entre a experiência, a percepção, a arte e a vida, em busca de uma compreensão mais profunda e esclarecedora.

Palavras-chave: experiência; pertencimento; conexão.

THE CHANGE OF PERCEPTION WHEN GOING THROUGH THE EXPERIENCE: BELONGING TO ONESELF AND THE SPACE ONE OCCUPIES

Abstract: The research dives into the vast universe of possibilities brought by the human experience. When crossing it, our perception, and the way we see ourselves in the world are profoundly affected. Experience acts as a link between the real and fictional worlds, a bridge that connects what is outside of us with what resides within everyone who connects to it. The question then arises: is it possible to experience a sense of belonging to the territory we inhabit after going through a performance experience? What do we see and feel on this journey influence our connection to the world? Could it be that even with an apparently limited repertoire of artistic influences, it is still possible to understand the world, art, and life? These questions underlie this article, seeking to establish connections that can guide us towards their answers. The research undertakes a meaningful quest, exploring the relationship between experience, perception, art, and life, in search of a deeper and more enlightening understanding.

Keywords: experience; belonging; connection.

Experiências que ao longo do caminho mudam nossos passos

Experienciar é a ação de deixar-se ser perpassado, permitir pulsar em seu corpo, em seu imaginário, em suas entranhas aquilo que a vida proporciona, é passar pela experiência e permitir que ela passe e se torne viva em você. Como artista, acredito que a verdade das coisas está na experiência ao se passar por ela, e a riqueza do processo criativo do ator está na latência que as percepções são construídas e fazem sentido na sua vivência.

Essa trajetória – que vai além do nosso horizonte pessoal – onde é preciso corporalizar os vislumbres da criação para se ter acesso à potência do ‘eu criativo’, é que permitirá construir os adornos da nossa arte. Algumas experiências teatrais pelas quais pude passar recentemente, mudaram o rumo do meu olhar e, conseqüentemente, a direção dos meus passos em relação ao meu projeto de pesquisa, e é justamente esse transitar entre espetáculos, aulas, conversas, perguntas e pesquisas acerca da experiência, do simbólico, do indizível e do pertencimento, que compartilho no decorrer deste artigo.

Pelo olhar de Guimarães Rosa, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”, de forma a entendermos que nosso imediatismo pela compreensão, acaba por atropelar o mergulho no processo; muitas vezes as reverberações daquilo que passou por nós e daquilo pelo que nós passamos, levam um tempo para a sua maturação e para a formação de uma compreensão em sua completude, e por outras vezes essa totalidade nem mesmo acontece.

Tive o privilégio de acompanhar – com meus alunos do curso técnico em teatro da unidade do Senac São Miguel Paulista, em São Paulo – o espetáculo *CircumUns*, da Cia. de Teatro e Circo Palombar. O coletivo realizou seu processo de criação sob a direção de Adriano Mauriz em que a dramaturgia foi construída através da visão poética dos artistas do seu próprio território, o bairro

Cidade Tiradentes –, no extremo da zona leste de capital paulista. No espetáculo acompanhamos personagens que representavam estudantes, motoboys, artistas de rua, eletricitas, trabalhadores e executivos que tiveram o seu cotidiano e os seus gestos corriqueiros traduzidos em cena pela poética da linguagem circense. Um espetáculo com um minucioso trabalho de trazer realidade à cena de uma forma literalmente mágica e poética.

Apreciar essa poética circense, levou-me, particularmente, ao questionamento das diversas possibilidades artísticas ao se trabalhar com o real. Tal questionamento pôde fortalecer minha convicção quanto à linguagem performática trazida pelo meu projeto de pesquisa¹, uma vez que o real da comunidade local em pesquisa, do meu ambiente de trabalho, servirá como potência inspiradora para ações de pertencimento por meio da arte.

Um estudo sensível e poético dos alunos, estudantes de teatro, foram transformados em um campo de performance e experiências indizíveis. Pelas palavras da professora mestre Marina Caron, em aula: “A falta de experiência está em nosso corpo adulto, uma vez que este evita a experimentação, e que percorrer o território, ouvi-lo, senti-lo, descobri-lo e se redescobrir fazendo parte dele, permite ao ator contar uma história se sentindo pertencente a ela, onde a realidade poética é trazida para seu corpo e traduzida em seus movimentos artísticos”.

É interessante observar que a falta de experiência pode, de fato, afetar o processo criativo de um ator ou de qualquer artista, pois a experimentação é parte crucial do crescimento artístico e pessoal, e quando um corpo adulto evita se abrir a novas experiências, pode limitar seu potencial expressivo. Ao percorrer o território, ouvir, sentir e descobrir novas experiências, o ator se torna mais sensível às nuances da vida e do mundo ao seu redor. Essa conexão com o mundo real permite que ele se sinta pertencente à história que pretende contar, criando uma autenticidade e profundidade na sua atuação.

A realidade poética é o aspecto que trans-

cede o realismo literal e traz uma dimensão mais simbólica e emocional à narrativa. Quando o ator absorve a realidade poética, ela é internalizada e traduzida em seus movimentos artísticos, gestos e expressões, enriquecendo sua criação. No contexto das artes cênicas, a falta de experiência pode levar a interpretações rasas e superficiais, enquanto a experimentação e o mergulho em diferentes possibilidades podem enriquecer o repertório emocional do ator, permitindo-lhe explorar um vasto leque de sentimentos e nuances em suas atuações.

Assim, vemos que é fundamental para um ator buscar constantemente novas experiências, abrir-se a essas experimentações e nutrir a curiosidade para se conectar de maneira mais profunda com a história que deseja contar e com o público ao qual pretende comunicar suas emoções e significados. Ao fazer isso, o ator pode criar performances mais autênticas e impactantes, tocando a alma do espectador e compartilhando verdadeiras histórias humanas.

Embora a descrição sobre a realidade poética e a importância da experiência e experimentação no contexto das artes cênicas sejam um conceito relevante e amplamente discutido, há estudiosos das artes que abordam conceitos relacionados à expressão artística, interpretação e criatividade. Esses autores podem fornecer insights sobre esses temas, mesmo que não tratem exatamente pela mesma perspectiva. Stanislávski, por exemplo, um dos principais nomes no campo do teatro e atuação, desenvolveu o “método” ou “sistema” de atuação, enfatizando a busca pela verdade emocional em cena, encorajando os atores a mergulharem em suas próprias experiências e emoções para criar interpretações autênticas. Outro nome como Bertolt Brecht – dramaturgo alemão – que é conhecido por sua teoria teatral do distanciamento, que buscava quebrar a ilusão teatral tradicional e envolver o público de maneira mais crítica e reflexiva, traz ideias que podem ser relevantes para a compreensão de como o teatro pode transcender a realidade literal para criar significados mais profundos.

Ainda, Antonin Artaud, dramaturgo e teórico francês que desenvolveu a noção do “Teatro da Crueldade” – que buscava atingir as emoções primordiais do público e romper com convenções teatrais tradicionais – é conhecido por suas ideias revolucionárias e provocativas sobre o teatro e a atuação. Buscava um teatro que fosse visceral, intenso e capaz de tocar as emoções primordiais do público, indo além do racional e do intelectual para atingir o âmago da experiência humana. Para Artaud, a expressão emocional e simbólica desempenhava um papel crucial no teatro. Ele acreditava que o teatro não deveria ser apenas uma representação superficial da realidade, mas sim um veículo para acessar as partes mais sombrias, misteriosas e subconscientes da psique humana. Isso envolveria o uso de elementos simbólicos, não apenas para contar histórias, mas para evocar sensações e sentimentos intensos nos espectadores. Ele propunha que os atores deveriam utilizar seu corpo e voz de maneira não convencional, quebrando as normas tradicionais de atuação, para alcançar um nível de expressividade visceral e arrebatadora. Acreditando assim que, ao explorar a crueldade, entendida por ele como um confronto com a verdade profunda do ser humano, o teatro poderia ter um impacto transformador tanto no ator quanto no público.

Embora as ideias de Artaud tenham sido controversas e suas produções teatrais nem sempre tenham sido bem recebidas em sua época, seu legado continua a influenciar artistas e teóricos até os dias de hoje. Seu trabalho questionou e desafiou as noções estabelecidas sobre o teatro e a atuação, abrindo caminho para novas formas de experimentações de expressão artística e criativa.

Esses autores e teóricos podem ser um ponto de partida para aprofundar a compreensão sobre os temas mencionados na descrição, e suas obras podem fornecer *insights* valiosos sobre a relação entre a experiência, a criatividade e criação artística nas artes cênicas.

A realidade poética está intrinsecamente ligada à experiência do indivíduo. Quando se fala

em realidade poética, refere-se a uma maneira de perceber e interpretar o mundo além das aparências superficiais, buscando significados e emoções mais profundas nas experiências cotidianas. A experiência é o elemento essencial que fornece matéria-prima para a construção da realidade poética. Cada pessoa vive e experimenta o mundo de forma única, e essas vivências moldam sua percepção e compreensão da realidade. Experiências estas que podem ser pessoais, emocionais, intelectuais, sensoriais ou sociais.

Quando um indivíduo tem a oportunidade de experimentar uma variedade de experiências, ele amplia seu repertório emocional e sensorial. Isso permite que ele tenha acesso a uma gama mais vasta de sentimentos, nuances e reflexões sobre a existência e a natureza humana. Assim, a experiência enriquece a capacidade do indivíduo de se conectar com a realidade poética, permitindo que ele vá além da superficialidade e adentre a essência e os simbolismos subjacentes aos eventos e situações do mundo ao seu redor.

Haja visto que a experiência é um componente essencial para que a realidade poética possa ser traduzida em movimentos artísticos e expressões de forma genuína e significativa nas artes da cena e em outras formas de expressão artística. A conexão entre a realidade poética e a experiência é o que permite aos artistas transmitirem mensagens/reflexões profundas e emocionalmente ressonantes ao público, criando uma conexão íntima e duradoura com suas criações.

Na sequência, outro trabalho que me atravessou de maneira a alimentar meu olhar sobre o real no palco, foi o monólogo lindamente realizado pela atriz Denise Fraga, *Eu de você*, sob direção de Luiz Villaça, com música ao vivo, que compõe uma dramaturgia partindo de uma delicada seleção de histórias reais que rompem a fronteira entre palco e plateia, fato e ficção, vida e arte. A peça trouxe à tona reflexões sobre o que nos mantém humanos num mundo onde as relações e os afetos ganham cada vez mais complexidade. Os depoimentos recebi-

dos, vieram através de postagens nas redes sociais e de anúncio em jornal, e serviram como chama para alimentar esse processo de construção entrelaçando as vivências. Personagens comuns, próximos ao nosso cotidiano, com uma narrativa que faz críticas à violência urbana, ao machismo, às estruturas trabalhistas, tecidas pelo humor e drama na medida certa. A interação constante entre atriz e público fez com que houvesse essa movimentação contracenando diretamente com os espectadores, quebrando a parede entre mundo mágico e o mundo real.

Eu de você, mostrou-se suave ao retratar as dores do cotidiano e a fragilidade do ser humano. Foi possível ver e sentir a vida acontecendo ali no palco, refletindo sobre a efemeridade, sobre as dores e as sutilezas dos nossos dias. A interação com o público os aproximou dessa realidade cotidiana e desses percalços pelos quais passamos pela vida e saímos mais fortalecidos.

A conexão que pude fazer desse espetáculo com minha pesquisa da experiência performática em construção, dá-se por esse viés da escuta do real do(s) outro(s), a fim de tornar artística a contação da sua história para o mundo. Nesta peça, a linguagem se opõe ao que pretendo seguir, mas a conexão da construção passa por um caminho muito semelhante, da pesquisa de si e do outro, da construção poética dos retalhos históricos que a memória do outro nos conduz a costurar.

O livro *Autoescrituras performativas*, de Janaína Fontes Leite, outra referência de imensa grandeza para os estudos, propôs um mergulho profundo no teatro documentário, termo que Janaína poeticamente moldou como autoescrituras. Esse mergulho evidencia a potência em se trabalhar ficcionalmente com o real e enaltece o processo, que por muitas vezes, estende seu tempo de maturação até que a obra se veja pronta, mas ao mesmo tempo seja/esteja viva e, portanto, passível de mudanças constantes. Pensar no meu espectador e em como a experiência daquilo que colocarei em evidência no palco norteará sua compreensão, nos permite que todos em minha plateia estejam juntos, passo a

passo nessa caminhada. E corroborando estes estudos, a professora doutora Giuliana Simões complementou em aula que o espectador “coloca-se em experiência, tornando-se sujeito e objeto no processo”, e nesse processo vê-se envolto nessa fricção entre arte e vida.

O real e o ficcional, sendo alinhavados por uma linha tênue, se fez presente também no teatro essencial, de Denise Stoklos. Teatro este que é conhecido como um método que, em síntese, consiste em trazer ao corpo do ator uma emoção que de fato pertence a ele, com o objetivo de provocar um olhar novo para esse sentimento. Seu espetáculo *Objeto-Sujeito: Clarice Lispector por Denise Stoklos*, tratou de uma transição de percursos de uma coisa levando a outra. Além de explorar os textos diversos de Clarice Lispector, a dramaturgia costura histórias das obras da autora com relatos reais que Clarice deu ao longo da carreira e da vida, assim como sua relação pessoal com a escritora. Um símbolo muito forte em sua obra, e que o espetáculo explora do início ao fim, é o olho. Alusões à visão e metáforas do olhar aparecem constantemente ao longo do espetáculo, sendo uma investigação a respeito de como o corpo, a voz e a emoção expressam uma palavra literária empenhada em dizer o que a todo momento beira o indizível.

O indizível, termo também de estudo da minha pesquisa, definição pela qual busco constantemente dar forma e sentido, daquilo e naquilo que não se consegue com estrutura e certezas falar sobre. Uma tradução que só pode ser percebida através das experiências que se permite atravessar, e ainda assim inapta a materializar unicamente em palavras a essência daquilo que se viveu.

Na busca constante por dar forma e sentido ao indizível, enfrentamos o desafio de expressar o inexplicável, o inefável e o inexprimível. E ao mesmo tempo essa busca pode levar à criação de obras que tentem capturar a essência de experiências humanas profundas, como o amor, a perda, a transcendência, a espiritualidade, a morte, entre outros temas complexos e subjetivos. A linguagem,

por mais poderosa que seja, possui limitações em relação a certos aspectos da experiência humana. Algumas experiências são tão intensas, sutis ou complexas que a palavra escrita ou falada pode não ser suficiente para capturar toda a profundidade e complexidade do que foi vivido.

A arte tem a capacidade de evocar emoções, tocar a alma e abrir portas para a compreensão do indizível de maneiras que a linguagem cotidiana muitas vezes não consegue alcançar. A jornada para dar forma e sentido ao indizível é uma busca essencial para a compreensão da experiência humana e pode abrir novos horizontes de conhecimento e significado.

Já o espetáculo *Sete cortes até você*, de Soraia Costa, me trouxe um mar de afogamentos internos, diante da versatilidade da linguagem e do meu anseio por passar por esse indizível. Palavra novamente tão presente em minha pesquisa, mas ainda com uma dificuldade absurda na definição de suas pulsações. A peça-performance, que dialoga com o teatro documentário e se equilibra entre o autobiográfico e a ficção, mostra o dilema de uma futura mãe, que descobre na gravidez que seu filho virá ao mundo com vários problemas de saúde. Em cena está a atriz e seu filho. De um parto idealizado a um parto realizado com protagonismo médico, a atriz passa por esse caminho entre a gravidez de risco e a decisão entre ter ou não um filho com deficiência, que passaria por tantos problemas neste mundo. Entre cena, vídeo, música, som, silêncio, a peça é invadida por nossas assinaturas, ela nos conecta a esse universo de vida, de ideologia, de sonho e principalmente de realidade.

Com linguagem performática e uma construção poética, e ainda em uma mensagem à acessibilidade, a artista Soraia complementa a respeito de sua obra: “*é extremamente necessário que pessoas com deficiência ocupem lugares de visibilidade, com acesso à experimentação de suas habilidades, pois quando são representadas incentivam e inspiram outras pessoas. Através da cultura, a deficiência pode ser vista e entendida de uma outra forma, valorizando o potencial individual de cada um*”.

Algumas destas experiências trazidas acima, vividas por mim em meio a esse processo de estudo, mudaram meus passos, me reorganizaram para núcleos até então pouco visitados e aguçaram minha percepção de território e de sua potência humana e cultural. Um arrebatamento capaz de vislumbrar a arte em suas mais diversas formas e possibilidades, fortalecendo a criação. São os atravessamentos que nos abalam e nesse movimento nos apresentam um mar de significados, de novas vestimentas e de novos rumos para onde almejamos caminhar.

O professor doutor Flávio Desgranges, em sua aula ministrada ao Mestrado em Artes da Cena, no Célia Helena, evidenciou-nos que o que interessa ao artista pesquisador, uma vez que analisando e/ou pensando em seu espectador, é justamente aquilo que muitas vezes a plateia acredita que é uma reverberação que não tenha nada a ver com o que a peça traz. São esses olhares, meio que ignorados por não se compreender completamente, que tecem esse emaranhado das possibilidades de vivências significativas de um processo que o atravessa.

Essa ampliação de visão me permitiu construir para meus alunos e com meus alunos, um percurso de preparação de trabalho mais primoroso e mais prático, uma vez que nossas vivências são relatadas em um diário de bordo, nomeado por *Diário da experiência do indizível*, colhendo, recolhendo, tecendo relatos e construções coletivas de todas as ações experimentadas, como mola propulsora dessa criação performática da experiência representadas por linguagens que não sejam unicamente a das palavras.

Em aula com a professora doutora Marisa Lambert, uma das atividades propostas, e brilhantemente conduzida, foi a da *deriva sensível-poética*: uma caminhada capaz de abrir o campo das percepções e nos arrebatam do automatismo diário que nos é imposto pela rotina. Foi uma deriva em busca de nós mesmos, um [re]conhecimento da nossa própria capacidade de perceber o mundo, de perceber o outro, de perceber a nós no mundo. Qual nosso lugar? Como o ocupamos? Como sentimos

o mundo? E como o mundo nos sente?

A experiência provocada nesta atividade proposta, pôde contribuir como inspiração para a [re] criação de exercícios de caminhada sensível explorando a comunidade local, sentindo-os e permitindo que eles nos sintam. O que é a arte? Qual a leitura que essa comunidade local faz da arte que fazemos? Foram questionamentos entregues aos alunos para que criassem um campo de possibilidades dessa apreciação do que e de como o teatro pode tocar em feridas expostas, e ao mesmo tempo agir como um bálsamo a fim de curá-las.

Tal deriva permitiu que os alunos do curso técnico em teatro da unidade do Senac São Miguel Paulista, se aproximassem da comunidade local em que estão inseridos, a fim de compreender sua potência inspiradora, que a esmagadora rotina do dia a dia não lhes permite descortinar, assim como permitiu à comunidade olhar para esses jovens atores com conteúdos sensíveis à nossa vivência, com ideias criativas tatuadas em suas almas, e que anseiam por convidá-los a fazer parte deste território artístico, também construído para eles, de maneira que eles possam pertencer ao todo, já que o todo já pertence a eles.

Pertencimento: qual experiência é possível instaurar?

Instaurar experiências a fim de criar o elo de pertencimento local é lindo teoricamente, mas como é possível fazê-lo? Essas questões mostraram-se complexas para serem trabalhadas, como por exemplo, como permitir que o outro se sinta parte deste todo que o cerca? Como instigar o outro a compartilhar suas vivências? Como o mundo passa por você e como você passa pelo mundo? O que fica daquilo que um dia foi? Simbólico, mas muito potente e complexo.

Temos mais perguntas do que respostas, e particularmente, enquanto artista, acredito que os questionamentos são mais interessantes que as definições, pois eles nos impulsionam a continuar, a

ir além nessa busca pelo que nos falta, por aquilo que nos é interessante, por aquilo que completará a lacuna sempre viva e pulsante deixada nos espaços de criação dentro de nós. O que está fora? O que está dentro? Como diferenciar?

Para responder, ou melhor, para alimentar essas dúvidas que pulsam, tenho buscado estabelecer possibilidades de experimentações diversas e distintas a fim de ampliar as sensações dos alunos e levá-los a um campo seguro e consciente de autopesquisa e de compreensão das camadas do simbólico.

Pertencimento. Afinal, qual o meu olhar sobre essa palavra, e qual sua importância para minha pesquisa? *Pertencimento* (do verbo pertencer) se define em ser propriedade de, fazer parte de, apropriação. Para mim, artista-pesquisadora, pertencimento é a capacidade de se sentir (de corpo, alma e pensamentos) como parte do todo.

A experiência de pertencimento é profundamente enriquecedora e pode ter um impacto positivo na saúde mental e emocional de uma pessoa. Quando alguém se sente pertencente a um grupo ou comunidade, isso pode aumentar a autoestima, proporcionar uma sensação de segurança e apoio, e criar um senso de identidade compartilhada. O pertencimento também pode levar a um maior senso de propósito e significado na vida, pois a conexão consigo e com os outros pode oferecer suporte emocional e encorajamento. É uma jornada contínua, e à medida que as pessoas cultivam laços mais fortes entre si, o sentimento de pertencimento se solidifica, seja ele de lugar, de pensamento, de conhecimento, criando uma base sólida para o crescimento pessoal e, no caso, sua apropriação autônoma e confiante enquanto criador da sua arte.

Em aula com a professora doutora Cecília Salles, ela contribui com a ideia de que o ser humano se apresenta como um processo inacabado, e que a possibilidade dessa identificação é gratificante, percebendo a importância em se ter liberdade para propor sua arte e deixar que o acaso também seja um componente que se relaciona com a ação,

podendo arrebatá-lo quem se faz presente, exigindo que você esteja preparado para lidar com ele.

A comunidade local de São Miguel Paulista, ao redor da maior unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) do Brasil, diante da grandiosidade das estruturas físicas da instituição, não se vê pertencente a este universo, criado e disponibilizado unicamente para eles. O distanciamento encontrado nesta relação, muitas vezes por desconhecimento dos mecanismos, tem sido um assunto recorrente em reuniões pedagógicas e dos comitês de inclusão e diversidade, de eventos e de comunicação e artes.

Uma vez que é visto como um ponto a ser explorado e estudado a fim de encontrar mecanismos e maneiras de acessar essa comunidade local, o teatro tem sido uma forma interessante e acolhedora para essa mudança de visão e comportamento em relação à sua apropriação territorial. A espera de que a arte seja vista como um elo e conexão entre o público e o artista, apresenta-se como um território subjetivo e possível de ser explorado, de maneira que ocupar o território poético possa inundar as percepções de vida e das camadas de mundo. E onde o principal possa se fazer presente: a percepção/sensação de pertencimento ao espaço que lhes cabe, aquele pelo qual é possível a identificação de passar por ele e ele passar por você, a compreensão dessa teia que une as lentes de mundo e que são capazes de poeticamente conectar e recriar o encontro de vidas. Um projeto em andamento, que caminha a pequenos passos, mas que conta com o material criativo e de conexão mais potente que se pode encontrar: o humano.

Referências

- BONFITTO, M. **Entre o ator e o performer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- BONFITTO, M. **O ator compositor**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- FABIÃO, E. “**Programa Performativo: O Corpo Em Experiência**”, em **ILINX, Revista do LUME**, n. 4, dez. 2013, pp.01-11.
- FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade**: o teatro performativo. Sala Preta, 2009.
- LEITE, J. F. **Autoescrituras performativas**: Do diário à cena. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.
- Nota sobre a experiência**, de Jorge Larrosa Bondía – informações textuais encontradas no site: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> (site acessado em 11 de novembro de 2021).
- SOLER, M. **Teatro Documentário**: a pedagogia da não ficção. 1ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018..
- Espectáculo teatral: **Sujeito-Abjeto**: Clarice Lispector por Denise Stoklos, no Sesc 24 de Maio, em 01 de abril de 2022.
- Espectáculo teatro-circo: **CircomUns**, da Cia. Palombar, no galpão teatral da companhia, em 29 de abril de 2022.
- Espectáculo teatral: **Eu de você**, monólogo de Denise Fraga, no Sesc Guarulhos, em 01 de maio de 2022.
- Espectáculo teatral documentário: **Sete cortes até você**, de Soraia Costa, no Centro Cultural São Paulo, em 08 de maio de 2022.

Nota

- 1 O Projeto de pesquisa de Mestrado *A Arte como catalisadora de pertencimento pessoal e socioespacial*: uma Jornada na Experiência, é uma pesquisa que desenvolve um estudo com os alunos do curso técnico em teatro do Senac São Miguel Paulista, em São Paulo, com o objetivo de aproximar a comunidade local da instituição educacional e de permitir que estes alunos se reconheçam como pertencentes do espaço que ocupam. Através de exercícios teatrais e de construção artística coletiva, foi incentivada a descoberta das próprias potencialidades territoriais, através do compartilhamento das histórias da comunidade, que foram transformadas em um rico material capaz de fortalecer a conexão dos alunos com a arte e na construção das suas experiências. Esse processo também reforçou o senso de pertencimento pessoal e socioespacial dos alunos.

Recebido em 13 de abril de 2023.

Aprovado em 1º de julho de 2023.